

RESENHA

ARANTES, Otilia B. Fiori. **Urbanismo em fim de linha e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica**. São Paulo: Edusp, 1998.^{*}

Nécio TURRA NETO^{**}

Um livro provocador

Otilia Arantes leciona Estética tanto no Departamento de Filosofia quanto na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, e já há um bom tempo desenvolve reflexões na área de crítica da arquitetura. Portanto, trata-se de uma pessoa com bastante credibilidade, no meio acadêmico, para tratar do assunto a que se propõe: a crise da arquitetura moderna e contemporânea.

Seu livro gravita em torno da controvérsia modernismo-pós-modernismo (apesar da autora se recusar a usar o prefixo *pós* por acreditar que se trata mais de uma continuidade do que de uma ruptura).

"Modernidade e pós-modernidade não são pois alternativas ... mas passos unificados de um mesmo processo de ajuste da sociedade às reviravoltas que dá o capitalismo para continuar o que sempre foi, e de cujas metamorfoses a paisagem urbana é a fachada mais visível." (p. 12/13)

Fala do esgotamento do projeto da arquitetura moderna e das posteriores mazelas e anacronismos de seus substitutos, por isso, o urbanismo estaria em fim de linha. A mudança que primeiro veio como resistência e/ou antídoto às "patologias urbanas" provocadas pela arquitetura moderna, acabou por estetizá-las, congelá-las, por meio de uma ideologia da diversidade - que estaria substituindo a ideologia do plano global -, dando grande ênfase às diferenças culturais, num momento em que a administração cultural tem tomado o lugar da ação política como forma de controle social. As alternativas à arquitetura moderna estariam assim servindo como estratégia usada pelo poder político e econômico para manter as pessoas sob controle.

O livro é formado por uma junção de artigos escritos em momentos diversos e é dividido em duas partes. Na primeira, encontramos as bases do seu pensamento para a formulação da sua crítica de arquitetura, é onde ela estabelece suas premissas básicas. Na segunda parte aparece, de forma mais explícita, uma avaliação da arquitetura na cidade, mostrando seu desenvolvimento, dos modernos até o momento atual. Também há um espaço - disperso pelo livro - reservado para a arquitetura brasileira, no qual a autora argumenta que o movimento moderno foi reproduzido aqui com um sucesso maior do que no contexto em que foi concebido.

As principais premissas, pelo menos as mais recorrentes, podem ser resumidas em três pontos:

1 - A arquitetura moderna se esgotou justamente por ter cumprido o que prometera. Apostando no processo de racionalização e ordenamento do espaço, uma racionalização presente

^{*} Resenha apresentada à disciplina de Urbanização e Produção da Cidade, ministrada pela professora Maria Encarnação Beltrão Sposito, no ano de 1999.

^{**} Mestrando no curso de pós-graduação em geografia da Universidade Estadual Paulista - UNESP -, Campus de Presidente Prudente.

também na lógica do capitalismo taylorista, a arquitetura moderna, à medida mesmo em que ia se realizando, reproduzia na cidade a ordem da fábrica fordista, tornando-a funcional mas pouco coletiva – por isso, buscou-se a superação dessa arquitetura. Uma arquitetura que cria a padronização do espaço - desconsiderando antigos conteúdos sociais -, segregação social, setorização da cidade, produzindo em série para um consumo de massa - sem considerar as necessidades reais dos indivíduos.

2 - O espaço arquitetônico não é um espaço qualquer – e isso é dito, sobretudo, como crítica à crítica da arquitetura – e não sendo um espaço qualquer, não pode ser tomado exclusivamente como aparência estética, mas deve, ao contrário, levar-se em consideração também como um problema construtivo é resolvido, ou seja, a adequação da construção a finalidades práticas, que comandam a produção arquitetônica. Por isso, a crítica de arquitetura não deve incorrer no gesto estetizante de analisar a obra isolada do processo de racionalização e ordenamento do espaço.

3 - Sobre a "arquitetura depois dos modernos", a autora argumenta que, apesar das boas intenções, não resolveu os problemas, mas camuflou-os, estetizou-os, preservou o *status quo* e a segregação social. E é nesse sentido que considero o livro bastante provocador. Vejamos porque.

É muito comum, em momentos de crise generalizada e busca de novos referenciais, a crítica ao que passou e a apologia ao que vem como substituto, encarando-o como aquilo que será melhor, que resolverá os problemas deixados pelo velho padrão. A crítica à arquitetura moderna é presente no livro de Otilia Arantes, mas é também presente a crítica à arquitetura nova. Ela não se deixa seduzir pelo discurso do novo, mesmo porque ele já mostrou muitas de suas realizações. Assim, critica também, e duramente, a arquitetura chamada pós-moderna. Articula essa crítica de arquitetura a toda uma filosofia pós-moderna de apologia da pluralidade e da diferença, colocando em cheque qualquer simpatia com essas tendências. Não é fácil contra-argumentar com ela, ainda mais por apresentar, de forma tão contundente, a concretização da proposta pós-moderna na cidade e seus defeitos.

Há porém, um senão: acredito que a crítica de arquitetura pós-moderna não pode ser estendida, sem ressalvas, à filosofia contemporânea. Além disso, não dá para dizer que toda a filosofia contemporânea é um bloco homogêneo, por isso, senti falta no seu livro do "nome dos bois": a quais autores se refere quando critica a filosofia "pós-moderna", pois sob este rótulo são sido, comumente, colocadas tendências muito díspares.

Por fim, vale reforçar que o livro de Otilia Arantes é uma crítica de arquitetura que não analisa apenas enquanto obra de arte - revelando exclusivamente sua dimensão estética -, mas vai além, e traz essa crítica para dentro da cidade capitalista, inserindo-a no contexto das transformações atuais no sistema, nas idéias na política e na economia urbanas. Por isso, é um livro pertinente àqueles que se preocupam com a (re) produção do espaço na cidade e com sua relação com a sociedade (sobretudo a partir das concepções arquitetônicas que orientam a produção desse espaço).